

O FILME A CHEGADA E A PERMANÊNCIA DA VISÃO ROMÂNTICA DA LINGUAGEM

ARRIVAL AND THE PERSISTENCE OF THE ROMANTIC
POINT OF VIEW OF LANGUAGE

Heronides Moura | [Lattes](#) | heronides@uol.com.br

Universidade Federal de Santa Catarina

Alicia Sennes Pinto | [Lattes](#) | sgarbossaalicia@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo analisa as ideias linguísticas implicadas no filme *A Chegada* (2016). Argumenta-se que o roteiro do filme abarca muitas ideias românticas sobre como uma língua funciona. O artigo aponta três dessas ideias: i. o mimetismo entre língua e cultura; ii. A escrita como expressão de uma cultura; iii. O mito do *bom selvagem* e sua relação com a linguagem. Outra conclusão do artigo é que a Hipótese de Sapir-Whorf pode ser ligada a ideias românticas desenvolvidas pelo filósofo suíço Jean Jacques Rousseau.

Palavras-chave: Filme *A chegada*. Hipótese de Sapir-Whorf. Rousseau.

Abstract: This paper takes into consideration the linguistic ideas implied by the movie *Arrival* (2016). It is argued that the movie script is saturated with romantic ideas about how language works. This paper identifies three of those ideas: i. The mimesis between language and culture; ii. Writing as an expression of culture; iii. The *bon sauvage* myth and its rapport with language. It is also argued that the Sapir-Whorf Hypothesis may be traced back to romantic ideas as developed by Swiss philosopher Jean Jacques Rousseau.

Keywords: Movie *Arrival*; Sapir-Whorf Hypothesis; Rousseau.

1. Introdução

Nesse artigo, pretendemos analisar o conceito de linguagem explorado no roteiro do filme *A chegada*. Este filme de ficção científica, dirigido por Denis Villeneuve, foi lançado em 2016, com a atriz Amy Adams no papel da protagonista, a linguista Louise Banks. O filme é uma adaptação do conto *Story of your life*, de Ted Chiang, publicado em 1988.

O filme narra o esforço da linguista Louise Banks para decifrar a linguagem dos *heptapodes*, seres extraterrestres cujas naves haviam pousado em vários pontos da terra. Não é comum, no mundo da cultura *pop*, se encontrar uma apresentação sensível dos problemas enfrentados tanto por linguistas quanto por antropólogos ao lidar com culturas e línguas muito diferentes (Sutton, 2018). Só por essa razão já valeria a pena se fazer uma análise das questões linguísticas presentes no filme. Entretanto, um objetivo adicional desse artigo é mostrar que, além da óbvia influência da Hipótese de Sapir-Whorf no roteiro do filme (McWhorther, 2016; Moura; Cambrussi, 2018), há uma outra teoria linguística relevante na estrutura do roteiro: a visão de linguagem elaborada no Romantismo, em especial por Rousseau (1987 [1781]).

Nesse artigo, vamos argumentar que a visão romântica da linguagem se manifesta, no filme, de três formas: a) o mimetismo entre língua e cultura; b) a valorização da escrita como expressão da cultura de um povo; c) o mito do bom selvagem.

Portanto, este artigo visa contribuir também para uma melhor compreensão da história das ideias linguísticas, ao rastrear a relação entre as ideias românticas sobre a linguagem, desenvolvidas nos séculos XVIII e XIX, e a Hipótese de Sapir-Whorf, desenvolvida no Séc. XX. Esse entrelaçamento de ideias sobre como a linguagem influencia o pensamento e a cultura é tão relevante que terminou se espalhando até mesmo para a cultura *pop*, como é o caso do filme *A Chegada*, em pleno séc. XXI.

O artigo está estruturado da seguinte forma: na seção 2, discutimos a questão do mimetismo entre língua e cultura e como ele se manifesta no filme. Na seção 3, analisamos outra herança do Romantismo presente em *A Chegada*: a valorização da escrita como expressão da cultura de um povo. Na seção 4, discutimos a relação entre o mito do *bom selvagem* e como ele se relaciona com a linguagem. Finalmente, na seção 5, apresentamos as considerações finais.

2. Uma herança do romantismo: o mimetismo entre língua e cultura

O roteiro de *A chegada* embute a noção de mimetismo entre língua e cultura. O desenvolvimento da ideia de que a língua é uma mimesis (imitação ou reflexo) do mundo exterior foi estudada detalhadamente por Genette (1976), que demonstrou a persistência dessa relação no pensamento ocidental, desde o *Crátilo*, de Platão (cf. Moura e Cambrussi, 2018).

A ideia de mimetismo era central na teoria linguística de Rousseau e continuou presente na Hipótese de Sapir-Whorf. O princípio fundamental do mimetismo é a suposição

de que a língua não é um sistema autônomo, por refletir uma realidade que lhe é exterior. Há, assim, um jogo de espelhos (Moura, 2018) entre a língua e a realidade social que a cerca. Tanto a língua mimetiza os valores sociais de um povo quanto a cultura é influenciada pela língua falada por uma dada comunidade.

Assim, sociedades com valores distintos teriam línguas diferentes e línguas diferentes refletiriam diferenças sociais. No Romantismo, e mais especificamente na obra de Rousseau, o mimetismo se entrelaça tanto com a evolução das sociedades quanto com a história das línguas. A historicidade das línguas, segundo Rousseau (1987 [1781]), corre em paralelo com as mudanças sociais.

Nessa perspectiva, para estudar uma cultura, faz-se necessário estudar a língua que a expressa. As mudanças na linguagem mimetizam as mudanças sociais: “Na medida em que as necessidades crescem, os negócios se complicam, as luzes se expandem, a linguagem muda de caráter. Torna-se mais justa e menos apaixonada, substitui os sentimentos pelas ideias, não fala mais ao coração, senão à razão” (Rousseau, 1987 [1781], p. 167).

No pensamento de Rousseau, as línguas dos povos primitivos seriam mais orgânicas e mais poéticas e, com o desenvolvimento das sociedades complexas, as línguas teriam se tornado mais esquemáticas e mais gramaticalizadas.

A hipótese de uma relação mimética entre língua e cultura, articulada de forma clara por Rousseau (1987), persistiu ao longo do séc. XIX e foi revigorada, no séc. XX, pela Hipótese de Sapir-Whorf. O filme *A chegada* é um reflexo contemporâneo de uma ideia romântica há muito presente na cultura ocidental.

No séc. XIX, o mimetismo defendido por Rousseau ganhou uma reinterpretação mais eurocêntrica e quase racista na obra de Ernest Renan. Entender a posição desse autor é importante para demonstrar a persistência da ideia do mimetismo entre língua e cultura ao longo do séc. XIX.

Renan (1858) retoma o debate sobre a arbitrariedade do signo e defende que o signo linguístico é motivado. Segundo as palavras do autor, “[...] a ligação entre sentido e palavra não é nunca *necessária*, nunca *arbitrária*: ela é sempre *motivada*” (RENAN, 1858, p. 149).¹

A motivação por trás da ligação de um significado a um significante é de natureza psicológica, ou mais especificamente, fruto da psicologia social. Renan (1858) se baseia na suposição de que os diferentes povos possuem diferentes mentalidades e que as línguas refletem essa suposta diversidade mental dos povos. Em outras palavras, Renan (1858) propõe um jogo de espelhos entre a mentalidade de um povo e a gramática da lín-

¹ Tradução de Heronides Moura.

gua falada por ele. A mentalidade de um povo se manifesta, também, na cultura daquele povo, de modo que se trata, no fundo, da mesma questão do mimetismo entre língua e cultura, já indicada em Rousseau (1987).

O conceito de signo motivado também já se encontrava em Rousseau (1987), o que mostra como a teoria linguística desse pensador perdura ao longo do séc. XIX. Ao sustentar a ideia de que uma língua espelha as características de uma sociedade, Rousseau afirma o seguinte: “Prolongai essas ideias em todas as suas implicações e vereis que o *Crátilo* de Platão não é tão ridículo quanto parece ser” (Rousseau, 1987, p. 166). Ou seja, Rousseau recupera e justifica a ideia de que os nomes das coisas não resultam de uma escolha arbitrária. A criação de signos linguísticos, assim como toda a estrutura da gramática, seria motivada e não convencional.

É a partir dessa ideia de motivação que Renan (1858) propõe o mimetismo entre a mentalidade de um povo e a gramática da língua usada por tal povo. A partir desse pressuposto, Renan atribuiu as diferenças gramaticais entre as línguas indo-europeias e as línguas semíticas, como o árabe e o hebraico, a uma suposta diferença psicológica entre os povos indo-europeus e os povos semíticos, contrap argumentando que:

[...] se as línguas indo-europeias têm uma grande variação de tempos e modos verbais, e ricos sistemas de subordinação, é que tais características gramaticais refletem o *Volksgeist* indo-europeu. A ausência dessa variação, nas línguas semíticas, é motivada pela incompletude que caracterizaria (segundo Renan) a alma dos judeus e dos árabes (Moura, 2018, p. 190).

Nesse ponto, fica claro que a ideia do mimetismo (a língua refletindo a cultura) pode ser reinterpretada de forma racista, atribuindo a um povo propriedades mentais limitadoras, definidas ou mesmo causadas pelo tipo de língua que ele usa.

É interessante notar que, subjacente à ideia de mimetismo, existe o conceito de que há uma clivagem entre povos primitivos e povos civilizados e que tal clivagem se expressa por meio das línguas. O rótulo de *povo primitivo* ou *selvagem* é outra herança do Romantismo. Em Rousseau, o primitivo era exaltado como sinônimo de liberdade e o civilizado era desvalorizado como sinônimo de opressão. Esse elogio do primitivo está ligado ao mito do *bom selvagem*. Voltaremos a esse ponto na seção 4.

Renan (1858), por sua vez, inverte os termos de Rousseau, e o primitivo passa a ser desvalorizado, com a civilização passando a ser o termo positivo. Para Renan, a oposição entre primitivo e civilizado se resolve na oposição entre línguas sintéticas (que seria o padrão gramatical dos povos primitivos, como os povos semíticos) e línguas analíticas

(que seria o padrão gramatical dos povos civilizados, como os europeus). A gramática da língua de um povo não refletiria apenas a cultura; ela passa a corporificar propriedades psicológicas e espirituais. Na perspectiva eurocêntrica de Renan (1858), os povos europeus teriam uma mentalidade mais flexível e mais aberta, ao passo que os povos semíticos teriam uma mentalidade mais rígida e mais fechada, o que se refletiria na gramática das línguas faladas por esses povos.

Portanto, a herança do Romantismo se manifesta de duas formas: em primeiro lugar, a dicotomia entre primitivo e civilizado e, em segundo lugar, a atribuição de mentalidades e/ou culturas diferentes aos povos primitivos e aos povos civilizados. A equação se fecha com a ideia do mimetismo. Dado que a língua reflete a mentalidade de um povo, então há basicamente dois tipos de línguas: aquelas mais primitivas (ou mais associadas a uma mentalidade primitiva) e as mais civilizadas (ou mais associadas a uma mentalidade civilizada). No séc. XX, essas dicotomias estão embutidas na Hipótese de Sapir-Whorf, à qual voltaremos na seção seguinte.

E, talvez por intermédio da Hipótese de Sapir-Whorf, a clivagem entre línguas/mentalidades *primitivas* versus línguas/mentalidades *civilizadas* serve de arcabouço para o roteiro de *A chegada*. Com isso, ideias românticas sobre a linguagem estão fortemente presentes no filme.

Voltaremos, na seção 4, à Hipótese de Sapir-Whorf e sua relação com o filme. Na seção 3, logo a seguir, veremos como a questão da escrita dos alienígenas desempenha um papel importante no filme *A Chegada* e como tal papel reflete, novamente, postulados românticos já presentes na obra de Rousseau (1987 [1781]).

3. O papel da escrita no filme *A chegada*.

Um dos principais temas desenvolvidos no filme *A Chegada* é a escrita usada pelos *heptapodes*, como são chamados os alienígenas que estão de visita ao planeta Terra.

Mais do que a fala, o que a protagonista do filme tenta decifrar é a escrita dos alienígenas. A linguista Louise Banks se debruça sobre os *logogramas*, que são as formas gráficas usadas pelos *heptapodes*. A escrita a ser desvendada apresenta algumas características originais, que não ocorrem nas línguas humanas. Em primeiro lugar, a escrita dos alienígenas não é uma mera tentativa de reproduzir a linguagem oral, ao passo que essa é a principal característica das escritas desenvolvidas pela humanidade (Fischer, 2009). Ao contrário das escritas humanas, a escrita dos *aliens* de *A chegada* se caracteriza por ser independente da fala, representando um meio próprio de expressão, com regras e *gramática* específicas.

Uma segunda característica é que a escrita dos *heptapodes* é produzida pelo próprio corpo dos alienígenas. Eles são capazes de emitir uma espécie de tinta, que forma no ar figuras complexas e efêmeras. Portanto, tal escrita emana diretamente do corpo, não se apoiando em nenhum dos meios (pele, pergaminho, papiro, papel, tela de computador) nos quais uma escrita humana é grafada (Sutton, 2018). Trata-se, assim, de uma escrita muito mais orgânica e visceral.

É por meio dessa escrita que a linguista Louise Banks consegue, depois de muito trabalho, acessar a mensagem que os alienígenas pretendem transmitir aos humanos. Assim, a partir de uma expressão corporal dos *heptapodes*, a linguista consegue chegar à natureza particular e valiosa da linguagem deles.

Mas não se trata só de ter acesso a uma linguagem não-humana (o que, em si, já seria uma tarefa notável). O que a protagonista consegue, por intermédio da linguagem alienígena, é ter acesso a uma visão de mundo completamente diferente daquela a que estamos habituados, como seres humanos.

A principal característica da visão de mundo dos *heptapodes* é uma representação não linear do tempo. Passado, presente e futuro são percebidos de forma holística, como partes de um todo, sem uma ordem linear. Quando Louise Banks finalmente compreende a escrita alienígena, ela imediatamente vivencia uma transformação mental e passa a ver o tempo de uma forma inovadora. Com isso, a vida pessoal da linguista vai adquirir um novo significado (deixamos para os leitores que ainda não viram o filme descobrirem o que acontece com a protagonista).

O relevante a reter aqui é a forte presença do mimetismo (abordado na seção anterior) nessa passagem da escrita para uma percepção inovadora do tempo. Os *logogramas* usados pelos alienígenas são circulares. Isso permite romper com uma característica básica da escrita humana: a sua linearidade. Nas diferentes escritas humanas, um signo vem depois do outro. Já na escrita por *logogramas*, as diferentes “palavras” vêm todas juntas, rompendo-se a linearidade.

Essa não linearidade da escrita mimetiza a não linearidade do pensamento dos alienígenas. E o pensamento não-linear deles os capacita a perceber o tempo de forma também não-linear (Sutton, 2018).

Portanto, encontramos aqui, de novo, o mimetismo entre língua e visão de mundo: uma reflete a outra. Mais particularmente, no caso do filme, o elemento responsável pelo mimetismo é a escrita e não a fala.

Essa associação entre tipo de escrita e mentalidade ou visão de mundo também é

um resquício do pensamento romântico. Rousseau (1987) argumentou que cada tipo de escrita correspondia a um tipo de sociedade, e cada tipo de sociedade, por sua vez, corresponderia a uma visão de mundo distinta, ou seja, nas palavras dele: “[a] pintura dos objetos convém aos povos selvagens; os sinais das palavras e das proposições, aos povos bárbaros; e o alfabeto, aos povos policiados” (Rousseau, 1987 [1781], p. 167). Note-se que Rousseau atribui valorações a esses diferentes tipos de escrita: a “pintura” dos objetos (como a escrita pictográfica dos astecas e os hieróglifos egípcios) representaria uma linguagem apaixonada, por meio da qual sujeitos livres poderiam exprimir suas paixões mais profundas. Já a escrita alfabética, segundo Rousseau, retém e controla a imaginação e a paixão, servindo, antes, ao controle estatal das populações. Portanto, a escrita primitiva estaria a serviço da liberdade, ao passo que a escrita alfabética estaria a serviço da opressão.

No caso do filme *A chegada*, a escrita em *logogramas* é apresentada como um tipo mais avançado de escrita, que libertaria seus usuários do pensamento linear. Trata-se, assim, de outra herança romântica que pode ser identificada no filme. A tese subjacente é que a escrita, assim como a fala, determina a forma como pensamos e como agimos. É com base nesse pressuposto romântico que se pode entender melhor o argumento do filme. Tudo o que os alienígenas desejam é dar um presente para a humanidade. E esse presente é a escrita não-linear deles, que nos libertaria da *opressão* do pensamento linear.

Sobre essa correlação entre escrita e visão de mundo, é interessante acrescentar que ela foi estabelecida outras vezes, mas com sinal contrário. Por exemplo, a teoria (falsa) de um suposto “efeito alfabeto” sustenta que a escrita alfabética produz mentes mais livres, dotadas de um melhor raciocínio analítico, o que teria favorecido (segundo essa tese) o fortalecimento da democracia e das ciências nas sociedades alfabetizadas do Ocidente. Já as escritas pictográficas do Oriente, como os caracteres chineses, produziriam um pensamento mais holístico e menos propício à democracia e à ciência (Fischer, 2009, p. 146).

Portanto, o suposto mimetismo entre escrita e visão do mundo pode conduzir a diferentes avaliações sobre qual seria o tipo ideal de escrita, dependendo da ideologia de quem defende tal mimetismo.

Rousseau criticou vigorosamente a escrita alfabética, porque ela serviria, segundo ele, à opressão da sociedade moderna. Seguindo os passos de Rousseau, o roteiro de *A chegada* parece propor que a escrita alfabética do Ocidente (e talvez todas as escritas humanas) padeçam de um defeito grave: a linearidade. Como tal, a escrita linear pode, em tese, ser substituída por uma escrita mais holística.

Já os defensores do *efeito alfabeto* (Logan, 2004) valorizam a escrita alfabética como meio de libertação política e de desenvolvimento da ciência e do pensamento abstrato, ao passo que criticam, de forma eurocêntrica, as escritas pictográficas do Oriente.

Resta compreender por que o filme *A chegada* se situa na linhagem do pensamento romântico, especialmente na forma desenvolvida originalmente por Rousseau (1987). A explicação que daremos é que este alinhamento romântico está ancorado no mito do bom selvagem.

4. O mito do bom selvagem no filme *A chegada*

Nessa seção, mostraremos que outra herança romântica presente no filme *A chegada* é o mito do *bom selvagem*, desenvolvido a partir do pensamento de Rousseau e que perdura até hoje na cultura ocidental. No filme em análise, o mito do bom selvagem aparece transformado e readaptado aos valores culturais do mundo contemporâneo, mas a estrutura básica do mito permanece a mesma.

Antes de fazermos a análise de como o mito do bom selvagem aparece na produção *hollywoodiana*, é importante situar o conceito de bom selvagem na teoria de Rousseau.

Apesar de ser considerado um dos representantes do Iluminismo, Rousseau era um crítico do movimento e, como tal, foi um precursor do Romantismo. Os filósofos iluministas acreditavam que a civilização levaria o homem inevitavelmente ao progresso. Rousseau, por sua vez, foi um severo crítico dessa ideia. Para ele, a racionalidade conduziu o ser humano à decadência, desligando-o de suas propensões naturais. A racionalidade e o desenvolvimento das ciências teriam cerceado a expressividade do eu.

É nesse ponto que se manifesta um importante aspecto do pensamento de Rousseau: a noção de bom selvagem está conectada intimamente ao papel desempenhado pela linguagem na existência do ser humano. Rousseau via a linguagem como o molde que poderia ou libertar o ser humano (enquadrando-o no paradigma do bom selvagem) ou aprisioná-lo (enredando-o no paradigma do homem civilizado).

Assim, a linguagem é o elemento fundador que define a natureza humana, e é nesse elemento expressivo que está alicerçado o mito do bom selvagem.

Antes de prosseguir na análise, é importante explicitar que Rousseau nunca indicou as bases históricas ou arqueológicas da sociedade dos bons selvagens. Ele faz uso do que se pode denominar de *história conjectural* (Bertram, 2023). Esse método de descrição da evolução histórica equivale a um mecanismo filosófico que seria capaz de separar os elementos naturais de nossa psicologia daqueles que nos foram impostos artificialmente

pelas sociedades complexas. Portanto, tal método pressupõe uma clivagem entre o que é natural e primitivo e o que é artificial e civilizado. A linguagem primitiva é uma expressão direta desse estado inicial, que foi depois corrompido pela civilização: “[...] Não se começou raciocinando, mas sentindo. Pretende-se que os homens inventaram a palavra para exprimir suas necessidades; tal opinião parece-me insustentável” (ROUSSEAU, 1987 [1781], p. 163).

As primeiras línguas foram cantadas e apaixonadas, e passaram a ser simples e metódicas, perdendo a melodia, ao tornarem-se padronizadas.

Mais do que um momento histórico preciso, a noção de bom selvagem denota uma situação social, moral e linguística idealizada, na qual os seres humanos encontrariam a melhor expressão de sua natureza. Essa natureza, segundo ele, teria se tornado opaca para nós com o desenvolvimento das Luzes. Ou seja, na base do pensamento de Rousseau, está a rejeição de um conhecimento puramente racional, que não é capaz de capturar o que realmente somos (Strong, 2012). A existência social do bom selvagem seria a realização de um ideal e não uma realidade histórica discernível.

Agora podemos examinar melhor como o mito do bom selvagem se reflete no filme *A chegada*. Esse mito tem se refletido de diferentes formas na cultura ocidental, desde o Romantismo. Não cabe aqui rastrear todas as reinterpretações desse mito; vamos focar em como tal mito se refletiu na percepção da natureza da linguagem.

O mito do bom selvagem só funciona se está ancorado numa clivagem entre pensamento primitivo e pensamento civilizado e, no que concerne à linguagem, em uma diferenciação rigorosa entre línguas que expressam o pensamento primitivo e línguas que expressam o pensamento civilizado.

Tal clivagem se reflete, em parte, na formulação da Hipótese de Sapir-Whorf. Whorf, principalmente, destacava a oposição entre o que ele chamava de Europeu Médio Padrão (Gonçalves, 2020, p. 134) e as línguas nativas da América do Norte. Em especial, Whorf ficou famoso por ressaltar a especificidade da gramática do povo Hopi, que não apresentaria, segundo ele, nenhuma gramaticalização do tempo linear, nos termos de uma linha contínua entre passado, presente e futuro. Assim, “se a estrutura linguística (esp. tempo-aspectual) da língua dos Hopi é tão diferente da nossa, a própria concepção de tempo deve ser radicalmente diferente da nossa” (Gonçalves, 2020, p. 134).

É justamente a análise de Whorf da língua Hopi que baseia boa parte do roteiro de *A chegada* (Mcworther, 2016). A hipótese de Sapir-Whorf é explicitamente citada no filme.

No roteiro, os alienígenas são o equivalente do povo Hopi. A língua deles representa o lado primitivo da clivagem que citamos mais acima: do outro lado da fronteira, estão as línguas humanas, todas agora inseridas na categoria de línguas que expressam o pensamento civilizado.

O filme realiza um interessante deslocamento da noção de primitivo. O pensamento primitivo não está mais localizado em tribos indígenas isoladas; ele se desloca para um povo alienígena, longe dos confins da terra. Mas os *heptapodes* ainda preservam um elemento essencial do mito do bom selvagem: eles representam o que é radicalmente diferente de nossa forma usual de pensar. Se antes o pensamento primitivo se encontrava nas fronteiras do humano, no filme ele é deslocado para o mundo alienígena, como se todos nós, humanos, tivéssemos perdido a capacidade de pensar de uma forma menos linear.

E aqui temos outra chave interpretativa do filme, que exhibe em cheio a herança romântica, em especial o mito do bom selvagem.

Esse mito foi interpretado não apenas no sentido moral e ético (indicando que os selvagens são bons e os civilizados são maus). O mito pode ser explorado também do ponto de vista intelectual e espiritual. Por essa ótica, os primitivos são dotados de uma capacidade de percepção do universo mais fina e mais sofisticada do que aquela dos povos civilizados. Como em Rousseau, a civilização é vista como uma fonte não de Luzes, mas de obscurecimento de nossa capacidade de perceber tanto a nossa própria natureza quanto a natureza do universo.

Tal valoração positiva da capacidade de percepção dos povos primitivos, que já estava em Rousseau, permanece em Whorf. Conforme Gonçalves (2020, p. 1360), Whorf direciona a análise da língua Hopi no sentido de mostrar que ela é superior ao Europeu Médio Padrão, sendo (em tese) mais apta para captar a natureza complexa do espaço-tempo em que vivemos.

O filme *A chegada* reflete, de forma instigante, esse suposto poder superior de um pensamento não-linear e holístico. E é justamente tal poder que os *heptapodes* desejam ofertar aos humanos, oferecendo-nos a língua dos *logogramas*.

O filme inverte a noção de primitivo, pois os *heptapodes* evidentemente possuem uma tecnologia avançada. Apesar de tecnologicamente superiores, eles supostamente foram capazes de preservar um pensamento holístico e não linear. Além disso, são seres dotados de grande sensibilidade e a fala deles parece ser mais emocional do que conceitual, ao passo que a escrita é mais conceitual (Sutton, 2018).

Em suma, os *heptapodes* levam ao máximo o mito do bom selvagem, pois eles são

capazes de agregar sensibilidade, pensamento não linear e tecnologia avançada.

O mito romântico do bom selvagem recebe, assim, uma roupagem compatível com o séc. XXI e se torna acessível a uma produção *hollywoodiana*.

5. Considerações finais

Nesse artigo, tentamos mostrar que as ideias linguísticas exploradas no filme de ficção científica *A chegada* não se esgotam naquelas esboçadas pela Hipótese de Sapir-Whorf, pois encontram suas fontes em postulados mais antigos, oriundos do Romantismo, em especial a obra de Rousseau (1987).

Não foi nossa intenção fazer uma crítica à visão da linguagem explorada no filme. Os limites da Hipótese de Sapir-Whorf, tal como exposta no filme, já foram apontados por Macwhorther (2018).

A conclusão que queremos destacar é que, muito além da Hipótese de Sapir-Whorf, a visão romântica da linguagem exerce uma forte influência no roteiro de *A Chegada*. Talvez isso não seja uma surpresa, já que Humboldt, um autor da época do Romantismo, tem sido apontado como um precursor da Hipótese de Sapir-Whorf (Gonçalves, 2020). A contribuição deste artigo é mostrar que um precursor ainda mais antigo dessa Hipótese é o filósofo Rousseau.

Costumeiramente, descreve-se a Hipótese de Sapir-Whorf apenas do ponto de vista da influência conceitual da língua no pensamento. No entanto, um aspecto adicional da Hipótese é a ideia de que há um modo de pensar primitivo, em oposição ao pensamento dos povos civilizados, e que essa noção de primitivo acarreta toda uma gama de consequências sobre o modo de vida e a cultura dos assim chamados *primitivos*. Portanto, a Hipótese de Sapir-Whorf pressupõe, além da questão conceitual, um aspecto antropológico muito forte, envolvendo uma cisão entre duas formas de vida e cultura: a primitiva e a civilizada.

Tentamos mostrar que tal clivagem entre o primitivo e o civilizado é uma herança direta do Romantismo, encarnada especialmente no mito do bom selvagem. O fato de que o bom selvagem, no filme, não é mais humano revela muito sobre o nosso tempo.

Referências

BERTRAM, C. Jean Jacques Rousseau. In: ZALTA, E.; NODELMAN, U. (org.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Summer 2023 Edition. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/sum2023/entries/rousseau>. Acesso em 21 março de 2023.

FISCHER, S. *História da escrita*. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: UNESP, 2009.

GENETTE, G. *Mimologiques*. Paris: Seuil, 1976.

GONÇALVES, R. *Relativismo linguístico ou como a língua influencia o pensamento*. Petrópolis: Vozes, 2020.

LOGAN, R. *The Alphabet Effect: A Media Ecology Understanding of the Making of Western Civilization*. New York: Hampton Press, 2004.

MCWORTHER, J. What *The Wizard of Oz* Can Tell Us About *Arrival*. Podcast. Dezembro 2016. Disponível em: <https://slate.com/human-interest/2016/12/john-mcwhorter-on-the-linguistics-of-the-movie-arrival.html>. Acesso em: 21 março de 2024.

MOURA, H. Os sentidos da gramática: uma crítica da relação entre estrutura gramatical e cultura. In: Butturi Jr, A.; Gaspari, S.; Zandoná, J.; Oliveira, L. (Org.). *Umberto Eco hoje: sentidos de uma presença*. 1ed. Campinas: Pontes, 2018, p. 185-201.

MOURA, H.; CAMBRUSSI, M. *Uma breve história da linguística*. Petrópolis: Vozes, 2018.

RENAN, E. *De l'origine du langage*. 2e édition. Paris: Michel Lévy frères, 1858. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50856t?rk=21459;2>. Acesso em: 15 de março de 2024.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Ensaio sobre a origem das línguas*. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1987 [1781].

STRONG, T. Music, the passions, and political freedom in Rousseau. In: MCDONALD, Christie; HOFFMANN, S. (org.). *Rousseau and Freedom*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

SUTTON, D. *Arrival*. *Anthropology in Hollywood*. *Anthropology today*. Vol. 34, No. 1, Fevereiro, 2018.

